



As feridas do humano: afetos, finitude e resistência

Couto, M. (2023). *As pequenas doenças da eternidade*. Companhia das Letras.

Rodrigo Felipe Veloso

Departamento de Comunicação e Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro, Caixa Postal 126, 39401-089, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Email: rodrigo.veloso@unimontes.br

Received on September 23, 2025.

Accepted on September 23, 2025.

“- Durma, mãe. - Não posso, meus filhos. - Finja que dorme – implorava eu. – Assim ele não a importuna mais. E sonhe, mãe. - Ultimamente – dizia ela – tenho-me esquecido de sonhar” (Couto, 2023, p. 57).

As pequenas doenças da eternidade, obra do escritor moçambicano Mia Couto, é mais que uma simples reunião de contos. Trata-se de um mosaico poético-existencial que se propõe a narrar o que há de mais silencioso e devastador na experiência humana: a fragilidade do afeto, o peso da memória, a persistência da violência e o sopro contínuo da finitude. A coletânea é uma adaptação da versão portuguesa intitulada *O caçador de elefantes invisíveis*, com modificações pensadas especialmente para o público brasileiro. Esse gesto já indica uma escuta sensível e ética por parte do autor, que não apenas escreve, mas reescreve suas narrativas como quem reinscreve feridas em contextos distintos.

Neste universo de pequenas tragédias cotidianas, a doença aparece não apenas como sintoma fisiológico, mas como metáfora do existir. As pequenas doenças são os males íntimos, persistentes, silenciosos — o medo do abandono, a angústia da ausência, o trauma da violência, o luto por si mesmo. Cada conto é um fragmento de vida onde o indivíduo tenta sobreviver ao tempo, à morte e à memória. O lirismo de Couto, consagrado em obras como *Terra Sonâmbula* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, se manifesta também aqui, em contos breves que operam por sugestão, suspensão e espessura simbólica.

Nesta resenha teórico-crítica, propõe-se uma análise dos contos à luz da literatura da memória, da crítica pós-colonial e das epistemologias do sul. O objetivo é refletir sobre a construção dos afetos, das identidades e dos modos de resistência frente à devastação cotidiana. Especial atenção será dada aos contos ‘A carta sem correio’ e ‘O meu primeiro pai’, duas das peças mais densas da coletânea, por sua exemplaridade em tematizar o trauma, o afeto e a herança da dor.

A prosa de Couto tem sido caracterizada pela crítica como profundamente lírica e metafórica. Como observa Brugioni (2012), o autor moçambicano

chama de imediato a atenção para o que se pode definir como dupla consciência [...] atribuindo à atividade literária a dimensão de resgate da memória e de desconstrução das invenções históricas e culturais que alimentam e legitimam o discurso do poder na modernidade moçambicana (Brugioni, 2012, p. 19).

Couto faz da palavra um lugar de invenção do mundo, onde a metáfora é mais do que ornamento: é instrumento de sobrevivência nesse sentido, a estética da delicadeza que percorre as pequenas doenças da eternidade não deve ser confundida com evasão ou adorno. Ao contrário: a linguagem contida e poética de Couto cria brechas para que o indizível se insinue, para que o trauma possa ser tocado sem ser domesticado.

A delicadeza serve, portanto, como estratégia de resistência. Nos contos, a finitude é tematizada não como encerramento abrupto, mas como paisagem crônica. O mundo pós-pandêmico, em ruínas éticas e afetivas, se revela em detalhes corriqueiros: uma mulher que espera o marido, um velho que abre a casa a um enfermeiro, um jovem que retorna e não é reconhecido. São personagens liminares, que habitam o entre-lugar da existência: vivos, mas desabitados; presentes, mas esquecidos.

A título de exemplo, pode-se observar o conto que dá título à obra ‘*As pequenas doenças da eternidade*’. A frase “Peço a Deus que me dê a felicidade das pequenas doenças” (Couto, 2023, p. 37) já antecipa o tom irônico e trágico do livro. É preciso agradecer quando se adoce de forma suportável, quando o mal é pequeno o suficiente para permitir a permanência no mundo. Aqui, a doença não é só biológica; é social, existencial,

política. E a súplica por saúde é, ao mesmo tempo, súplica por reconhecimento, dignidade e humanidade: “No falso sofrimento da pequena doença, [...], esquecemos as verdadeiras e incuráveis dores com que iremos morrer” (Couto, 2023, p. 38).

Um dos contos mais densos e emblemáticos da coletânea é ‘O meu primeiro pai’. Narrado por um filho que revisita, com maturidade e perplexidade, as lembranças de um pai alcoólatra e violento, o texto oferece uma poderosa reflexão sobre os ciclos de abuso, a construção da masculinidade e o trauma silencioso. O conto começa com uma descrição quase litúrgica do hábito paterno de se embriagar em bares no caminho para a igreja. A religiosidade, aqui, é transmutada em ritual de fuga, onde a taberna substitui o templo, e a aguardente, a hóstia.

A figura do pai é ambígua e trágica. Ao mesmo tempo em que representa o medo e a destruição, ele é também, paradoxalmente, objeto de compaixão. Isso se torna mais evidente quando a mãe, em um dos momentos mais enigmáticos do conto, afirma: “O vosso pai só me tocou para me amar” (Couto, 2023, p. 58). Essa afirmação desafia qualquer leitura simplista do trauma. Ela não nega a violência, mas a reinscreve como sintoma de um sofrimento maior, talvez inominável. A dor do pai é a de não saber amar, de se perder no excesso de sentimento. Ele não sabia “[...]o que fazer com esse amor” (Couto, 2023, p. 58).

Esse gesto de complexificar a figura paterna pode ser lido à luz da crítica pós-colonial e dos estudos sobre a masculinidade. Segundo R. W. Connell (1995), a masculinidade hegemônica é construída em oposição à vulnerabilidade, à ternura, à emoção. O pai, nesse conto, encarna essa masculinidade falida e opressiva, mas também se mostra como um corpo que sofre, que colapsa sob o peso do que não pode dizer. A bebida é o refúgio e o cárcere de sua impotência afetiva. Há aqui, portanto, uma crítica à forma como o patriarcado destrói não só as mulheres, mas também os próprios homens que o encarnam.

Do ponto de vista narrativo, o filho que recorda esse passado também lida com o temor de repetir os passos do pai. O trauma é hereditário, como um sapato velho que se calça sem perceber. Ao final do conto, o narrador se vê nos gestos paternos, nos mesmos dedos trêmulos, no mesmo percurso em direção à taberna. Mas há uma diferença: ele carrega a consciência do trauma. Ele sabe. E saber é, ainda que minimamente, poder romper o ciclo.

Couto é um autor que trabalha com a memória dos silêncios. Seus personagens, muitas vezes, não sabem nomear o que sentem, mas carregam o peso do que perderam. A ausência é um elemento estruturante da coletânea: o pai ausente, o marido desaparecido, o filho que não volta, a esperança que adocece. Essa ausência se desdobra em uma epistemologia do afeto, em que o saber não está na razão, mas no corpo, na intuição, na memória afetiva.

No conto ‘O meu primeiro pai’, a mãe ‘sabia’ que o marido não a odiava, mas também sabia que o amor dele era doentio. Essa ambiguidade exige do leitor uma escuta ativa, uma suspensão de juízos fáceis. Há dor, há abuso, há violência, mas há também um tecido de sentimentos complexos que não cabem nas categorias jurídicas ou morais. Como sugere a crítica feminista negra Audre Lorde, é preciso “[...] trazer a emoção para o centro do pensamento [...]” (Lorde, 1984, p. 43), e compreender que a dor, o amor e o medo podem coexistir nos mesmos gestos.

Couto, nesse sentido, desafia o leitor a olhar para os interstícios da alma humana. Ele não apresenta culpados nem inocentes absolutos. Seus contos são zonas de ambivalência, onde as personagens são forçadas a conviver com suas contradições. Isso exige um tipo de leitura que se aproxima da escuta terapêutica ou ritual: o leitor não julga, ele testemunha.

No conto ‘A carta sem correio’, de Couto, revela-se a trajetória de Joaquim, filho ‘órfão’ de mãe, não por morte natural, mas por uma separação forçada ao nascer. O pai, que abandonara a companheira ao saber da gravidez, reaparece apenas no momento do parto, retirando o recém-nascido dos braços maternos. Desde então, Joaquim cresce sem o vínculo fundamental com a mãe, carregando o silêncio dessa ausência como marca identitária e emocional. Apesar de saber que ela vive em outra cidade, o filho não possui seu endereço, o que dá sentido simbólico ao título do conto: trata-se de uma carta escrita para um destino desconhecido, uma correspondência que não encontrará leitor, ao menos não pela via postal, mas talvez por vias afetivas ou espirituais.

Joaquim convive com o pai e trabalha com ele em uma oficina mecânica, ambiente tipicamente masculino e árido, onde a sensibilidade parece interdita. Em um gesto de racionalização ou talvez negação da dor, o pai oferece uma justificativa brutal para o desaparecimento materno: “Dá graças a Deus por seres órfãos de mãe. A presença materna só enfraquece. Na nossa profissão temos de ser duros. E eu perguntava: na nossa profissão? Sim, dizia ele, a nossa profissão é sobreviver” (Couto, 2023, p. 46). Essa fala sintetiza uma visão de mundo marcada pela repressão emocional e pela dureza existencial, em que o afeto é visto como obstáculo à

sobrevivência. A sobrevivência, aqui, torna-se mais que uma estratégia: converte-se em ideologia, em projeto de masculinidade forjado na negação do cuidado e da ternura.

Contudo, Joaquim não abdica de sua necessidade de reencontro. O gesto de nomear sua mãe como ‘minha mãe’, mesmo sem conhecê-la ou sem tê-la como presença concreta revela o desejo de construir simbolicamente esse vínculo negado pela vida. O filho escreve cartas que nunca envia, mas que o ajudam a preservar e alimentar uma memória afetiva e imaginária da mãe. Em uma das passagens mais líricas e comoventes do conto, ele declara: “Amanhã cumprirei o sonho de me sentar à tua frente e esperar em silêncio, que me chames sem nenhum nome. Só assim, ‘meu filho’. E eu voltarei a nascer, como se finalmente chegasse ao meu corpo” (Couto, 2023, p. 47, grifo do autor). Nesse momento, o desejo de ser nomeado pela mãe adquire uma dimensão quase ritual: é como se só a palavra materna pudesse lhe conceder um verdadeiro nascimento, não apenas biológico, mas simbólico e afetivo.

A metáfora do renascimento é seguida por um gesto de profundo cuidado: “Não tenhas receio, mãe, de te faltar a vista. Joelhos sobre o chão, vou limpar a terra que te cobre os olhos” (Couto, 2023, p. 47). Joaquim se imagina curvado ao chão, num gesto que une humildade, reverência e reparação. Ele quer devolver à mãe a possibilidade de ver, não apenas com os olhos, mas com o afeto que ela não teve a chance de exercer. A terra que cobre os olhos da mãe pode ser interpretada tanto como morte literal quanto como metáfora do tempo, da distância e do esquecimento. Assim, ao ‘limpar a terra’, o filho deseja desfazer os anos de separação e permitir que a mãe o enxergue, finalmente como filho.

Neste conto, Couto constrói uma narrativa sensível sobre a carência afetiva, a construção da subjetividade a partir da ausência e o poder da palavra escrita como forma de resistir ao apagamento das origens. A carta sem correio é, portanto, uma forma de conjurar o ausente, de criar laços onde houve cortes, e de inscrever o desejo de afeto em meio à dureza da vida. É uma crítica sutil, porém contundente, às masculinidades que se constroem na recusa do sentimento, e um elogio à potência do vínculo, mesmo quando ele precisa ser inventado na linguagem.

Alguns dos contos (‘A imortal quarentena’, ‘O caçador de elefantes invisíveis’ e outros) dialogam diretamente com o cenário da pandemia de covid-19, como aquele em que um idoso recebe em casa um enfermeiro para rastreio da doença. Mais do que registrar o evento, Couto constrói, a partir desse pano de fundo, reflexões sobre o medo da morte, a solidão e o envelhecimento. A doença se torna metáfora para o isolamento, para o esquecimento dos corpos que já não produzem, que já não interessam.

A pandemia, na coletânea, não é um evento extraordinário, mas apenas a exacerbação de males já existentes: a desigualdade, a negligência, o medo do outro. Como afirma Santos (2020), a pandemia ‘não criou as crises, apenas as revelou’. Couto, com sua escrita sutil, revela essas feridas com a delicadeza de quem sabe que expor uma dor é, também, curá-la.

Ainda assim, *As pequenas doenças da eternidade* não é um livro desesperançado. Ao contrário, há nele uma profunda crença na capacidade humana de reinvenção. A esperança, porém, não é grandiosa, épica ou redentora. É pequena, cotidiana, quase invisível — como os gestos silenciosos da mãe que protege os filhos, como a memória de um sapato herdado ou de um vestido vermelho que serve de sobrevivência para uma mulher africana que seria estuprada e morta por soldados em guerra. Porém, em meio ao caos, a esperança ainda ressurge por meio daquele que está imerso na destruição: “Quando reabri os olhos, eu estava dentro do sangue. Passei a mão para afastar um zumbido de mil abelhas e, sem querer, arrastei o vestido vermelho que me cobria o rosto. O soldado colocou-me a mão sobre a boca e segredou-me: — ‘Agora, vá-se embora, em silêncio’” (Couto, 2023, p. 30, grifo do autor). A esperança é, aqui, uma forma de resistência miúda e contínua, que se inscreve no corpo e na linguagem.

As pequenas doenças da eternidade é uma obra que exige do leitor mais do que interpretação: exige escuta, compaixão e coragem. Ao reunir contos que tematizam a fragilidade humana em diferentes contextos — familiares, sociais, pandêmicos, Couto reafirma sua posição como um dos grandes escritores da literatura contemporânea em língua portuguesa. Sua escrita é, ao mesmo tempo, denúncia e consolo, poesia e crítica, memória e possibilidade.

Ao nos confrontar com a dor dos outros, Couto também nos convida a refletir sobre nossas próprias pequenas doenças: nossos silêncios, nossos afetos mal resolvidos, nossas heranças de violência e nossos pequenos atos de amor. A literatura, nesse processo, não cura, no entanto, ilumina. E talvez isso já seja suficiente para continuar vivendo, mesmo em meio às ruínas.

Referências

- Brugioni, E. (2012). *Mia Couto: Representação, história(s) e pós-colonialidade*. Humus.
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. University of California Press.
- Couto, M. (2023). *As pequenas doenças da eternidade*. Companhia das Letras.
- Lorde, A. (1984). *Sister outsider: Essays and speeches*. Crossing Press.
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo.